

O vencido e sua (N)atureza: “N” de Nietzsche; “N” de Drummond

Gustavo Luis Cardoso Mendes¹

RESUMO: Este artigo tem como pretensão criar elos e perspectivas afins entre duas grandes áreas do conhecimento, a saber, a Filosofia e a Literatura. Nessa perspectiva, é razoável compreendermos que a linguagem literária se mostra – muitas vezes – como uma boa intérprete para a aplicação de muitos conceitos filosóficos, assim, valer-se dessa linguagem é um facilitador para a compreensão da Filosofia. À vista disso, buscar-se-á traçar uma análise fronteiriça entre a Filosofia do preclaro pensador alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) com os poemas do ilustre poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Nesses poemas, analisar-se-á conceitos caros à filosofia nietzscheana, como a crítica metafísica, o niilismo, a morte de Deus, entre outros. Em síntese: é a força expressiva da poesia de Drummond, como matéria de figuração, simbolizando os conceitos, aforismos, narrativas e símbolos do pensamento candente de Nietzsche, pois fazer filosofia é estar sempre em estado de poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Drummond. Linguagem. Literatura. Filosofia.

INTRODUÇÃO

Na história da humanidade, muitas foram as formas, assuntos e fenômenos difíceis de ser compreendidos e absorvidos em sua integralidade, a Filosofia — em muitos casos — predica dessa qualidade, sobretudo tendo em vista uma conhecida classe de filósofos, conhecidos como continentais, os quais optaram por construir suas opiniões e teses por meio de enevoadas e herméticas manifestações estilísticas, produzindo, então, textos e comunicações de difícil compreensão dos ouvintes/leitores. À vista disso, é razoável apontar que as formas de expressão humana, naturalmente, visam à interação bilateral entre sujeitos e, por consequência, não seria funcional expressar-se sem que o conteúdo dessa exposição fosse cognoscível às pessoas.

Dado o exposto, reconhece-se que como um esforço primeiro, o qual converge para um caminho de abertura, oxigenação da palavra e oportunização de espaços de escuta, meios que possibilitem a decodificação e/ou aplicação da Filosofia se mostram necessários. Assim, como modelo desses facilitadores, há a Literatura que — por meio da linguagem, dos signos linguísticos, da subjetividade e da plasticidade enunciativa — grangeia destacável desenvolvimento, em muitos casos, na tradução das ideias filosóficas. Nesse sentido, a linguagem literária, composta por signos linguísticos, cria possibilidades de traduzir o mundo e seus fenômenos, sendo, pois, expressão puríssima, tal qual elucida Chauí (2001, p. 141)

¹ Mestrando em Filosofia pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia com bolsa CAPES.
E-mail: gustavocardozo34@gmail.com

A linguagem indica coisas, isto é, os signos linguísticos (as palavras) possuem uma função indicativa ou denotativa, pois como que apontam para as coisas que significam [...] a linguagem exprime pensamentos, sentimentos e valores, isto é, possui uma função de conhecimento e expressão [...] e é um sistema de sinais com função indicativa, comunicativa, expressiva e conotativa.

Destarte, é razoável considerarmos a linguagem literária como uma importante intérprete dos pensamentos filosóficos, considerando-os não apenas como formas conotativas de significação, não obstante, como lentes saudáveis que auxiliam em uma vista segura para enxergar - de ouvido - as “imagens acústicas” (Saussure, 2006, p. 80), isto é, para a recepção e compreensão das palavras em cadeia, ou seja, nas textualidades. À guisa disso, pretende-se — neste presente artigo — apontar alguns elementos da fortuna intelectual do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), evidenciando certos de seus conceitos nas páginas poéticas do literato mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987). Logo, acredita-se que por meio da metodologia supracitada, a saber, a descoberta da pulsão filosófica pela tempestade harmônica da Literatura, poder-se-á assimilar, com consistência e maior clareza, as ideias filosóficas de Nietzsche. Isto posto, urge-se afirmar que na geografia do conhecimento, a beleza da poesia transfaz as cordilheiras das ideias em uma serena planície do juízo, em cujo vergel haverá sempre abertos os botões das flores conhecidas como “lucidez” e “sentido”.

1.1 NIETZSCHE: UM ABALO SÍSMICO NO OCIDENTE

O século XIX foi um período de fortes acontecimentos, transformações e mudanças sociais. Na esteira desses idos, as revoluções liberais foram responsáveis pela queda de inúmeros déspotas e reis absolutos; o rompante da Revolução Industrial consolidou uma perspectiva que valorizava mais o consumo em massa e a produção acelerada de produtos que a própria condição humana; as contribuições de Charles Darwin (1809 – 1882) terminaram de destronar o papel primaz da religião cristã e de seu Deus (iniciada com o grande cisma do Ocidente no século XVI pela Reforma Protestante) na cosmovisão dos indivíduos por meio da instauração de um olhar cientificista; a Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud (1856 – 1939) acendeu sinais de alerta para a importância da subjetividade e do inconsciente na mente do homem e a introdução das ferrovias nos grandes países do mundo – robustecer os processos de compra e venda, bem como o impulso primitivo do que — nos séculos XX e XXI – seria conhecido como globalização.

Com efeito, esse estágio temporal não poderia presidir apenas de mudanças coletivas e/ou sociais, tais quais as supracitadas, não obstante, à época, o egrégio pensador alemão, Friedrich Nietzsche, muitíssimo contribuiu, postulando - com sua estilística demasiadamente particular e pessoal – um cenário inédito para fazer Filosofia. Para mais, como filho de seu tempo, Nietzsche não poderia fazer outra coisa senão reelaborar, vulcanicamente, o modo de compreender a Filosofia, sendo, portanto, um estrondoso abalo sísmico nessa categoria. Dentre as contribuições desse pensador, poder-se-ia destacar sua negação e crítica da moral,

o que abriu caminhos para questionamentos e perquirições futuras, as quais relevam a moralidade e sua implicação substantiva no sujeito. Nessa perspectiva, seu pensamento se fiava no combate expressivo contra a ambivalência metafísica, ou seja, a percepção e crença na dualidade de realidades, “céu x inferno” ou “mundo sensível x mundo inteligível”. Esse combate visava fazer com que os indivíduos valorizassem – com empenho – a vida terrena, abraçando a realidade na terra e vivendo, plenamente, suas existências, ao arrepio de uma realidade transcendental, como pode ser visto, pelo próprio Nietzsche (2008, p. 23) em :

Eu vos exorto, meus irmãos! Permaneceis fiéis à terra e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças supraterestras. São envenenadores, quer o saibam ou não! São menosprezadores da vida! Moribundos que se envenenaram a si próprios, de quem a terra está cansada.

1.2 NIETZSCHE: BREVE BIOGRAFIA E PEQUENA ANÁLISE

Friedrich Wilhelm Nietzsche, nasceu na Alemanha, no dia 15 de outubro de 1844 em uma família demasiadamente protestante e religiosa, cujos homens – em sua maioria – seguiam a vocação pastoral luterana. Sempre ávido pela leitura, desde pequeno, interessava-se pelas obras literárias de sua época, sendo, também, introduzido à leitura das Escrituras Sagradas. Entretanto, na juventude, após entrar em contato com as literaturas filosóficas, afasta-se da fé e, inclusive, da carreira atávica teológica, tornando-se um profícuo estudioso da Filosofia e, posteriormente, professor na Universidade de Basileia, Suíça.

Nos períodos de formação intelectual, o primeiro contato com o pensamento de Arthur Schopenhauer (1788 – 1860) foi uma força pungente para a influência na construção teórica de Nietzsche, o qual uniu-se ao debatido, extenso e longo conceito do *Nilismo*, para dar tom e vida à sua filosofia. Com efeito, o amadurecimento de sua obra tornou possível fazer do pensador alemão uma grande referência no que tange à crítica à Metafísica, tendo em vista que – para o aludido pensador – os problemas relacionados à mediocridade do viver, ao esvaziamento da vontade de potência e ao apequenamento da busca pelo efetivo aproveitamento da vida ocorrem, no ocidente, tendo em vista algumas hermenêuticas relacionadas aos ensinamentos da religião supracitada.

Assim sendo, como um ácido corrosivo para a realização da expressão integral e maiúscula do ímpeto de viver e da desconstrução do sujeito moral, a crença fundada há dois mil anos paralisa e faz murchar a emancipação humana, bem como as grandes e plurais forças orgânicas e inorgânicas que movem o mundo e as gentes. Por outro lado, observa-se que tal querela de princípios não se inicia, propriamente, com o cristianismo, mas mostra-se anterior a esse movimento, pois – conforme o olhar do pensador alemão – a despotação do homem resvala desde os períodos antigos com os filósofos Sócrates (470 A.C. – 399 A.C.) e Platão (428 A.C. – 348 A.C.).

Dessa maneira, deve-se apontar para um panorama histórico expandido, pois o cristianismo se desenvolve como uma adaptação do neoplatonismo, o qual ceifa – segundo Nietzsche – o amor e o interesse natural pela realidade terrena. Assim, ao arrepio de uma lógica imanente, abandona-se a disposição, o desvelo e a solicitude pela vida em detrimento de um plano superior e futuro, o qual apenas existe em uma ordem transcendente, que – para ser lograda – deve-se distanciar dos interesses terrenos e profanos, estabelecendo, então, a religião da culpa e do remorso.

Nessa perspectiva, desenvolvem-se conceitos caros à obra de Nietzsche, tais quais, por exemplo, o Niilismo, o qual – ao longo das eras e segundo diferentes perspectivas – pode ser visto como o hiato do vazio ocorrido a partir do momento em que o sujeito se depara com a amarga e infeliz realidade de que somos nada, o mundo é nada, nada pode nos movimentar – subjetivamente – para um fim e a existência humana resulta, semelhantemente, em nada. Em outras palavras, Abbagnano (2021, p. 829) define o aludido termo em

Uma concepção ou uma doutrina e que tudo o que é — os entes, as coisas, o mundo e em particular os valores e os princípios — é negado e reduzido a nada. [...] é, portanto, o processo histórico durante o qual os supremos valores tradicionais – Deus, a verdade, o bem – perdem valor e perecem.

Nessa perspectiva, observa-se que quando o sujeito se submete a um processo de autoenfrentamento, às ilusões impostas pela religião, pela cultura, pelos sistemas e instituições são dissolvidas e o que resta é amarga – mas necessária – constatação do nada como fragmento genético presente em todas as coisas. Logo, a vaidade da vida e as esperanças passam a ser dissolvidas tais quais a espuma errante em meio ao vento: a vida se torna mais plástica e – por vezes – os desejos perdem forças ao se certificar de que o mundo e o que nele há nada são.

Nesse ínterim, a perda de sentido prático e funcional das coisas e da vida produz mais que uma sensação de vazio, mas ao entendimento inviolável sobre o qual os sujeitos só podem ser funâmbulos da existência em cujos passos encontrar-se-á um caminho finito e desconcertante, a saber, a realidade de que as coisas – em seu fim último – nada são.

1.3 DRUMMOND: O MARCENEIRO DE CONCEITOS

O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade nasceu na pequena cidade de Itabira no ano de 1902 e faleceu no Rio de Janeiro em 1987, considerado como um dos maiores poetas de língua portuguesa, esse literato figura *pari passu* a Fernando Pessoa, notável poeta português. Embora formado em Farmácia, Drummond não quis prosseguir nessa carreira, atuando em jornais e revistas de sua época como redator e jornalista, entretanto, havia – em sua poesia – um delicado essencial, a saber, a sensibilidade visceral de absorver a vida, transformando-a em matéria de poesia.

À vista disso, em 1940, Drummond publica uma de suas obras mais profundas e famosas “*Sentimento do Mundo*”, nessa produção, temas de cunho existencial, metafísico e inquietantes ganham forma nas curtas extensões das linhas, criando paralelos com o vazio, a ausência de Deus, a contradição de esperar por intervenções divinas e a consciência de que a individualidade – em detrimento de uma cultura de massas – faz-se necessária. Adiante, serão analisados pequenos fragmentos da obra de Drummond, pontuando as relações comuns com a fortuna filosófica de Nietzsche.

1.4 A POESIA COMO SUBSTRATO FILOSÓFICO

Como dito acima, a poesia figura como sendo uma importante aliada na leitura das ideias filosóficas, tendo em vista que esse tipo de textualidade pode traduzir – com leveza – alguns conceitos que, em muitos casos, são herméticos e de difícil compreensão. Nela, também é possível notar como o pensamento ganha sentido e como alguns conceitos se afixam à realidade humana, uma vez que o poema é o espaço de comunicação literário em que o eu-lírico traduz a sua alma e, como se sabe, traduzi-la não é algo fácil. Como início, destaca-se um excerto do poema intitulado “*Sentimento do Mundo*” (2009, p. 83)

Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo, [...] Quando me levantar, o céu estará morto e saqueado, eu mesmo estarei morto, morto meu desejo, morto o pântano sem acordes.

Vê-se que esse pequeno trecho é grande depositário de matéria filosófica, sobretudo, consegue traduzir com beleza e sensibilidade a condição do homem atravessado pelo *Nilismo*. Nas primeiras linhas, o eu-lírico já declara sua impotência diante da grandeza do mundo – tenho apenas duas mãos – com efeito, ter duas mãos e o sentimento do mundo é como gritar a sua impotência diante da grandeza das cobranças frente à existência. Assim, aquele que é atravessado pela incapacidade vê em nada o seu refúgio, haja vista que duas mãos – como alegoria – é o mesmo de dizer “eu nada tenho”. Com efeito, ao se deparar com sua incapacidade – a qual produz ressonância com o seu nada frente ao nada do mundo – o eu-lírico se entrega ao hermetismo fruto de uma aceitação libérrima das circunstâncias que o afligem.

Nessa perspectiva, o renomado professor de História da Filosofia Abbagnano (2021, p. 832) afirma que como há a destruição de valores antigos, o lugar no qual eles ocupavam também se desfaz, extinguindo, assim, a realidade supra sensível das coisas. Assim sendo, o poeta elucida que “o céu estará morto e saqueado” e aqueles que já estão acostumados com a obra de Nietzsche podem – imediatamente – recordar-se de uma emblemática e importante figura a qual se encontra na obra *A Gaia Ciência*, a saber, o homem louco que anuncia a um vilarejo que “Deus está morto”. Ora, eis aí a plasticidade da morte de Deus, pois se o céu está vazio e saqueado, nada mais o habita, postulando, então, a convicção de que Ele não faz mais sentido, como também não é necessário à humanidade. Mais adiante, no mesmo poema, encontra-se:

Sinto-me disperso
 Anterior a fronteiras
 Humildemente, vos peço
 Que me perdoeis

Nesse fragmento, ratifica-se a ausência da divindade, quando o eu-lírico não invoca o perdão de Deus, mas dos seus pares; o pronome oblíquo átono “vós” se dirige àqueles com os quais a voz do poema está dialogando ou – em último caso – com os leitores. Assim, a morte de Deus, mais uma vez, confirma-se na perspectiva poética. Outrossim, é interessante notar que essa temática acerca da morte de Deus é um elemento pungente na filosofia de Nietzsche, tendo em vista que em outro livro, a saber, *Assim Falava Zaratustra*, é abordada tal novidade, ratificando, assim, a perspectiva de a modernidade passou a viver desconsiderando – em sua agudeza e centralidade – a figura divina, isso é clarificado na obra de Nietzsche (2008, p. 22), quando sublinha – ao narrar o encontro de Zaratustra com o santo – que:

Ao ouvir estas palavras, Zaratustra cumprimentou o santo e disse “Que teria eu para vos dar?” Mas deixa-me partir depressa, por rejeio que não venha a vos tirar alguma coisa!” E assim se separaram um do outro, o velho e o homem feito, rindo como riem dois garotos.

Mas quando Zaratustra ficou só, falou assim ao seu coração: “Será possível! Este santo ancião, em sua floresta, ainda não ouviu dizer que Deus morreu?”

Para mais, na mesma obra, o poema “Os Ombros Suportam o Mundo” (2009, p. 99) traduzem ainda com mais clareza os apontamentos acima:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de absoluta depuração. [...] A vida apenas, sem mistificação.

Nota-se aqui que a empreitada conceitual sobre a morte de Deus se mostra expressiva, uma vez que não mais se dá em sentido conotativo, ou seja, a voz do poema se coloca, agora, de maneira direta: o eu-lírico afirma que não mais se invoca Deus. Ademais, o mais impressionante está na linha que se segue, uma vez que embebido do pensamento de Nietzsche contra uma realidade metafísica dividida em binômios, a voz poética conclama seus pares a passarem por um processo de depuração, isto é, de purificação, entretanto, não é uma purificação envolta na ação divina – porque Ele não mais existe, nem deve ser invocado – mas uma purificação moral entre os pares do eu-lírico, assim, instaura-se a perspectiva da superação da moralidade cristã, privilegiando uma moral que se dê alheia às concepções religiosas mergulhada em nós mesmos, ou seja, uma moralidade cujo DNA é a própria humanidade.

Por fim, a ausência completa de metafísica ou da experiência de eternidade pode ser resumida nas linhas “a vida apenas, sem mistificação”, dado que – diretamente – o eu-lírico reconhece a necessidade de encarar a vida sem expectativas espirituais, o que ele chama de “mistificação”. Assim, a vida é o resultado de um processo orgânico que parte do nada e

prossigue para o mesmo nada. Para mais, argumenta-se que o vazio do homem, que é resultado do Niilismo, muitas vezes pode ser ilustrado por meio de um (des)caminho da esperança, tendo em vista que se não há Deus, a eternidade se esvazia e o ser humano é obrigado a considerar uma realidade puramente orgânica.

Em outras palavras, o Niilismo produz – no homem – a conclusão de que ele é, apenas, carbono e, assim sendo, são alijados todos os desejos de transformação, pois a vida se torna minúscula e vivê-la, então, passa a ser um grande tédio. Entretanto, há quem – quando se depara frontalmente a essas realidades – é acometido pelo medo; medo esse que se dá, tendo em vista o absurdo do abandono e da solidão, pois estar sozinho – sem Deus ou a eternidade – é entregar-se à desesperança – que é o vômito da consciência. É por isso que os bebês lactantes choram, uma vez que – nesse gesto – mesmo que de forma inconsciente – eles se deparam com a realidade da presença da mãe que os alimenta, o choro – por assim dizer – é o grito dos que reconhecem a necessidade do Outro – com “o” maiúsculo – mas como poderão gritar e chorar se o “Grande Outro” está morto? Nas linhas do poema “A Noite Dissolve os Homens” (2009, p. 103), há uma resposta segura:

Os suspiros acusam a presença negra [...]
A noite anoiteceu tudo...
O mundo não tem remédio...

Destarte, vê-se a grande desesperança gritada – “os suspiros” – em se ter consciência da doença mortal do mundo; doença esta que foi gerada por meio de uma grande contaminação por uma bactéria existencial chamada “consciência do nada”. Assim, como força estilística, a ausência de luz – “a noite” – pode ser reconhecida como também a ausência do Deus invisível, mas iluminador, de modo que esse hiato passe a pontuar – minuscilamente o destino dos homens, que é expresso no próprio título do poema, isto é, o fim dos homens é serem “dissolvidos”, uma outra possível imagem para um cadáver em estado de putrefação. Logo, há um olhar essencialmente humano e materialista da vida, a qual se “dissolve” com o fim da existência corporal do indivíduo, ratificando, assim, o nada presente no difícil trânsito da existência humana.

CONCLUSÃO

Dado o exposto, o presente artigo primevo não se esmera em esgotar o assunto até aqui tratado, por isso, optou-se por escolher alguns fragmentos que dão tom às perspectivas trabalhadas, a fim de corroborar a ideia de que a linguagem poética é uma grande aliada hermenêutica na decodificação filosófica. Isso ocorre, pois a poesia tem esse caráter simbólico que é responsável por conceituar sem finalizar, ou seja, ela predica da capacidade de explicar pelo exemplo emanado de suas textualidades, dizendo o profundo na sensibilidade da linguagem. Isto posto, secunda-se que, com frequência, muitos literatos e poetas exploram problemas filosóficos em seus versos, decodificando ideias complexas em uma linguagem palatável, dramática e envolvente. Ademais, ao fazer uso – estilisticamente – de recursos poéticos, como

as figuras de linguagem, os poetas buscam construir significados e aclarar – em alegorias – formas e conceitos filosóficos de difícil compreensão.

Ademais, reconhece-se a proximidade plástica entre Nietzsche e Drummond, a qual possibilita uma imersão filosófica à obra daquele, por meio da interpretação dos textos deste. Nesse sentido, o livro “Sentimento do Mundo” se qualifica como um grande intérprete da voz e dos pensamentos dos vencidos, daqueles que se entregaram à desesperança frente à amarga realidade do nada presente em tudo. Com efeito, a palavra imantada de Drummond carrega – com ímpar maestria – a descrença do mundo, bem como a morte de Deus, a qual ocorreu tendo em vista a superação de sua existência e agência no mundo moderno.

Esses autores buscaram discutir acerca da condição humana, uma vez que o filósofo alemão problematizou a busca pela autenticidade existencial frente às amarras morais do ocidente, ao passo que o poeta mineiro fê-lo na medida em que buscou retratar as distorções e complexidades da existência humana, rumo ao absurdo de um nada que lhe é inerente. À vista disso, poder-se-ia afirmar que Nietzsche bailou filosofia no abismo existencial, à medida que Drummond deu vida às palavras nas margens do silêncio e ambos, com signos e ideias, raptaram o convencional, prorromper tornados de almas inquietas. Para mais, tal qual o martelo de Nietzsche estilhaça as correntes do moralismo, Drummond - com sua poesia afiada como espadas de luz, decepou as cordas escuras da complacência, evidenciando, pois, a nudez da existência. Ambos, como exímios artesãos das palavras e das ideias, teceram, com profundidade, os fios da angústia e do nada no tear das eras.

Dado o exposto, afirma-se que a poesia não mais pode ser considerada como sendo o fruto de uma elite intelectual distante das gentes, mas urge vê-la como exímia tradutora de vida e da Filosofia, pois por meio das leituras indicadas ao longo desta comunicação, reconhece-se o valor indiscutível de suas contribuições. Assim, ler Nietzsche, conforme os primas poéticos de Drummond, torna-se uma tarefa menos pesada e, sobretudo, decisiva na periclitante tarefa de auto enfrentamento, dado que a vida – em sua concepção integral – é o oceano das tristes certezas de que a finitude mora dentro de cada ser.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2001
- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: WMF martins fontes, 2021.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro: BestBolso, página 83, 1940.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro: BestBolso, página 99, 1940.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro: BestBolso, página 103, 1940.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falava Zaratustra*. São Paulo: Livros Escala, 2008.